

---

## **Telejornalismo e os novos formatos jornalísticos na cobertura dos atos de 8 de janeiro de 2023 em Brasília<sup>1</sup>**

Ana Carolina TEMER<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO  
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG  
Marli dos SANTOS<sup>3</sup>  
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

### **RESUMO**

Este estudo analisa o conteúdo jornalístico da TV Globo e GloboNews durante a cobertura dos atos de vandalismo nos prédios públicos em Brasília, em 8 de janeiro de 2023. O objetivo é compreender as características de formatos jornalísticos que são particularmente dependentes de tecnologias digitais, e como o uso destes conteúdos aponta para novas possibilidades/nova identidade ao telejornalismo. Trata-se de uma análise qualitativa, de caráter exploratório, realizada por meio de análise audiovisual. O resultado evidencia a capacidade do telejornalismo de se adaptar e utilizar de forma criativa e multifacetada os recursos que estão disponíveis. Também aponta que a mediação presencial dos jornalistas no local do fato/acidente pode ser substituída por conteúdos colaborativos e participativos no estúdio e em outros ambientes não presenciais, além da primazia do gênero opinativo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Telejornalismo; Novos Formatos jornalísticos; Tecnologias digitais; Atos antidemocráticos no Brasil.

### **INTRODUÇÃO**

No dia 8 de janeiro de 2023, uma semana após a festa de transmissão do cargo de Presidente da República, o Brasil acompanhou pela televisão a invasão e vandalização dos prédios públicos localizados na Praça dos Três Poderes: o Palácio da Alvorada, local de despachos da Presidência da República, a sede da Câmara e do Senado Federais, e o Prédio no qual funciona a Suprema Corte Brasileira. A cobertura deste acontecimento se desenrolou em várias etapas, cujos ecos reverberam até mesmo aspectos da cobertura do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação Social pela UESP, docente do PPGCOM da UFG., e-mail: [anacarolina.temer@gmail.com](mailto:anacarolina.temer@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, coordenadora da pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero, email: [marli.santos598@gmail.com](mailto:marli.santos598@gmail.com)

---

período pré-eleitoral de 2022, diferente em vários aspectos de um modelo já consolidado em campanhas eleitorais ou mesmo em festividades e/ou concentrações de grande número de pessoas em função de eventos ligados à política.

De fato, devido à polarização representada pelos dois candidatos majoritários - que efetivamente foram para o segundo turno da eleição presidencial - a imprensa brasileira acompanhou com particular atenção o período eleitoral, eventualmente patrocinando debates e acompanhando o desenvolvimento da votação e contagens dos votos até o anúncio oficial da vitória de Luiz Inácio Lula da Silva.

Definida a eleição, como era previsível, a imprensa acompanhou os movimentos do presidente eleito, mas manteve em paralelo a divulgação de detalhes sobre os trabalhos de transição para o novo governo e a posse do presidente eleito. No decorrer dessa cobertura alguns elementos pontuais, como informações sobre a ocupação dos espaços em frente aos quartéis do exército por grupos que protestavam contra os resultados em múltiplas localidades do país e a ausência de declarações do candidato perdedor reconhecendo a derrota, já apontavam que setores da população brasileira tinham dificuldades em aceitar os resultados das urnas.

A questão tornou-se ainda mais significativa a partir da divulgação dos atos de vandalismo e da tentativa de atentado à bomba que ocorreram em Brasília no dia da diplomação do presidente eleito. Ainda assim, o telejornalismo – por opção, para não aumentar ainda mais a dimensão do fato, ou simplesmente por não dimensionar o potencial agressivo das manifestações – não noticiou de forma enfática a chegada de pelo menos cem ônibus lotados de manifestantes em Brasília, e acompanhou sem muita ênfase o desfile desses grupos pelo eixo monumental, no trajeto que conduzia ao Palácio do Planalto e a outros prédios públicos. A mudança de enquadramento<sup>4</sup> da imprensa somente se concretiza com o rompimento do perímetro de segurança, previamente delimitado por cercas móveis, e a conseqüente invasão dos prédios públicos. Nesse ponto a cobertura se torna mais dramática, ampliando o uso de conteúdos especiais que antecipam e espelham a crescente utilização dos novos formatos no telejornalismo.

---

<sup>4</sup> De acordo com Entman (1993), o enquadramento está relacionado com a seleção de alguns aspectos da realidade percebida, promovendo uma ideia específica, uma avaliação ou uma recomendação sobre o assunto. Essa é um dos conceitos sobre enquadramento, que tem outros expoentes como Erving Goffman, Gaye Tuchman, Mauro Porto, entre outros autores.

---

É necessário anotar, no entanto, que essas mudanças não surgiram exatamente durante a cobertura do vandalismo no dia 8 de janeiro de 2023. No conjunto das atividades jornalísticas pode ter passado despercebido para o grande público as mudanças internas, tanto em termos de conteúdos quanto na utilização/combinção estratégica dos gêneros e formatos que caracterizam o telejornalismo contemporâneo. Mesmo na cobertura das eleições e posses presidenciais – pauta que já é uma rotina para as emissoras de televisão – o telejornalismo começava a ensaiar elementos diferenciais. É verdade que algumas mudanças foram atribuídas a absorção de novas rotinas produtivas (TRAQUINAS, 2005) ocorridas durante a pandemia, mas também porque o fim do mandato de 4 anos de Jair Bolsonaro (candidato derrotado), que manteve um ambiente hostil à imprensa (TUZZO & TEMER, 2021) ao se negar a dar entrevistas e usar as redes sociais para se manifestar, prometia maior transparência ou maior acesso à informação.

Considerados esses aspectos introdutórios, torna-se importante compreender de que forma a cobertura das invasões e depredações realizadas no dia 8 de janeiro de 2023, tanto em função de sua importância como também porque envolve novas linguagens e novos usos dos recursos técnicos e tecnológicos no telejornalismo, torna-se um evento paradigmático para observar a consolidação de novos formatos jornalísticos.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é fazer um diagnóstico destes novos formatos, em particular aqueles permeados pelas novas tecnologias digitais e outros recursos tecnológicos que introduzem possibilidades diferenciadas de captação e transmissão de imagens, acesso as fontes e outros elementos próprios do telejornalismo.

## **METODOLOGIA**

O aspecto a ser destacado neste artigo pela pesquisa qualitativa tem como foco específico o material efetivamente veiculado no dia 8 de janeiro de 2023 pela emissora de canal codificado Globo News, que no decorrer da tarde formou um *pool* com as emissoras de sinal aberto afiliadas a Rede Globo de Televisão

O ponto de partida para a compreensão do conteúdo é a Análise Audiovisual, procedimento qualitativo que busca a compreensão dos diferentes elementos que contribuem para a construção dos produtos audiovisuais a partir de três fases: descrição; análise televisiva e interpretação dos resultados, em uma proposta trabalhada a partir de uma variante do modelo proposto por Becker (2012).

---

No conjunto, ainda que utilizando diferentes abordagens, o artigo adota uma análise crítica, ou uma perspectiva crítica para a análise, em um processo que tem como objetivo contribuir para o debate de questões ligadas à ciência social crítica e à pesquisa crítica sobre a mudança social (MAGALHÃES, 2005).

Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa que tem como objetivo buscar dados que destacam como esse ambiente afetou aspectos práticos da cobertura telejornalística das ações do dia 8 de janeiro de 2023, incluindo destaques sobre novos formatos e novos usos de tecnologias de imagens e de conteúdos participativos, a ampliação do espaço para os gêneros e formatos opinativos e colaborativos como reforço da dinâmica imagético/informativa do telejornalismo (TEMER & SANTOS, 2021).

Uma vez que se trata da cobertura de um evento específico e que não teve paralelos recentes, a amostra pode ser classificada como aleatória por conveniência e, portanto, sem quantificação (MALHOTRA, 2006). Como se trata de transmissão em *pool* optou-se pelo início e encerramento do conteúdo coletado a partir dessa transmissão, que foi desfeita para a transmissão de outros programas (no caso da Rede Globo, o Fantástico, que é uma revista televisiva, e no caso da GloboNews material de cunho exclusivamente jornalístico) que compõem suas programações específicas.

A escolha pela pesquisa qualitativa se adequa ao objetivo de construir um diagnóstico e subsequente análise descritiva de novas modalidades ou subdivisões de formatos jornalísticos, uma vez que “...ressalta as significações que estão contidas nos atos e práticas” (CHIZZOTTI, 1991, p. 27). Consequentemente, o uso dos gêneros jornalísticos é uma *estratégia de comunicabilidade* (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.301), “... uma mediação fundamental entre as lógicas do sistema produtivo e a do sistema de consumo, entre a do formato e a dos modos de ler, dos usos” (Ibid., p. 298), que envolve um processo de permanente adaptação, subdivisões e classificações, que facilitem e adequem a elaboração e a recepção de conteúdos, segundo o contexto. Portanto, as tendências de reordenação das práticas jornalísticas implicam a reordenação das relações de trabalho na sociedade contemporânea. Consequentemente, é preciso compreender os fenômenos ou cobertura dos fatos a partir de seu interior, de dentro para fora, considerando a dimensão técnica do jornalismo, de que forma foram demandadas e as situações sociais relevantes da participação/colaboração de público e fontes.

Especificamente neste trabalho, a base conceitual e as definições de gêneros jornalístico, em particular gêneros informativos e opinativos, tem como base os trabalhos

---

de Marques de Melo (1992/2010), A análise propriamente dita está fundamentada na Análise Audiovisual.

## CONTEXTUALIZAÇÃO DA COBERTURA

O presidente Jair Bolsonaro deixou o Brasil três dias antes de terminar o seu mandato, mas essa partida não melhorou um ambiente já conturbado. Embora o jornalismo tenha noticiado e acompanhado com relativo pouco destaque a partida do ainda presidente, dando informações sobre a chegada e hospedagem nos Estados Unidos, a ausência do derrotado na transmissão da faixa presidencial, e o afastamento sem o reconhecimento da vitória de Luiz Inácio Lula da Silva nas urnas, já anunciava Bolsonaro como uma presença fantasma, cujo nome em faixas e apelos diversos era um anúncio de complicações à espreita.

Eleito em circunstâncias específicas, Bolsonaro capitalizou uma parcela conservadora da população brasileira, dando origem a um movimento político/ideológico que, na esteira de movimentos conservadores em outros países, trouxe à tona discursos patriarcais que valorizam as famílias tradicionais, condenam a diversidade de gêneros e o aborto, glorificam o passado autoritário do Brasil e sobretudo não tem pudor em divulgar em redes sociais e mídias diversas versões ou mesmo mentiras que os beneficie.

Em um primeiro momento, a emergência desses grupos foi vista como um elemento político, mas o uso que eles fizeram das mídias sociais trouxe novas tensões para o telejornalismo, em particular nas suas relações com o Governo e o Estado, e, ainda que de forma indireta, com seus apoiadores/patrocinadores tradicionais.

Pressionada pelos custos de produção e por usos experimentais que cresceram durante a pandemia (em grande parte como alternativa para a manutenção do funcionamento durante o período de isolamento social), pela ampliação do acesso à informações não jornalísticas, incluindo o falseamento de dados e mentiras grosseiramente chamadas de *fake news* (BRANDINO, 2021) e pela postura agressiva dos setores conservadores contra a imprensa, o telejornalismo buscou o desenvolvimento de propostas de trabalho que garantissem seu *status* e importância social.

Especificamente a Rede Globo de Televisão e a sua emissora coligada com transmissão codificada, a Globo News, investiram na consolidação de novos modelos e formatos jornalísticos, que, ao mesmo tempo, valorizavam o material opinativo e ampliavam o uso de recursos digitais e a captura de imagens por métodos não

---

presenciais/tradicionais. A maior visibilidade destas matérias tem como ponto de partida o material colaborativo e participativo, mas eles se subdividem em diferentes apropriações nas quais já são possíveis verificar padrões ou características básicas que permitem delimitar com maior rigor como se constituem e como são usados.

Esses formatos, em diferentes configurações, estão presentes na cobertura dos eventos de 8 de janeiro de 2023, que funcionaram como uma vitrine oportuna para esta análise. Nesse sentido, a primeira classificação, ainda que algo genérica – e que mais tarde será subdividida e redefinida a partir de detalhamentos, são os conteúdos colaborativos e participativos.

### **CONTEÚDOS COLABORATIVOS E PARTICIPATIVOS**

A televisão nasceu a partir de transmissões ao vivo, mas o apresentador/noticiário que falava as notícias com entonação do locutor do rádio tinha pouco apelo no veículo cujo diferencial era a imagem. Nesse sentido o telejornalismo investiu em equipamentos que permitiam a captação de imagens externas, e aos poucos evoluiu para uma linguagem visual própria, ao mesmo tempo sedutora e identificável no conjunto da programação televisiva.

Dessa forma, o telejornalismo enquanto atividade jornalística é dependente tecnologia, e de fato está sempre pressionando (e sendo pressionado) na busca de recursos técnicos que garantam variedade e qualidade nas imagens, mas também acesso rápido e confiável às fontes e até mesmo aos ambientes nos quais se desenrolam fatos cuja cobertura é importante por diferentes motivos.

A partir do final do século XX, e principalmente neste início do século XXI, a busca pela qualidade imagética envolveu a aderência às tecnologias digitais e o uso da internet para transmissão de imagens. Inicialmente vistos como ferramenta para acessar informações e instrumento facilitador da produção/edição, os usos associados às tecnologias digitais se ampliaram com os conteúdos participativos e colaborativos.

Entende-se como conteúdo participativo os diferentes tipos de registro audiovisual, como áudio, vídeo e fotografias capturados por amadores e enviados à equipe de produção de um telejornal; ou capturada por essa equipe diretamente das Redes Sociais, com o objetivo de ilustrar/compor uma reportagem. Acrescenta-se que conteúdos participativos envolvem uma contribuição voluntária, nem sempre de boa qualidade, e sem garantias de veiculação.

Já os conteúdos colaborativos incluem entrevistas e participações diversas, nos quais personagens (políticos ou especialistas, de uma forma geral, mas eventualmente testemunhas dos fatos e depoentes diversos) concordam em ser entrevistados de forma remota durante a exibição de um telejornal, usando para isso recursos próprios (computador e internet).

Da mesma forma que o uso dos conteúdos participativos e colaborativos foi ampliada durante a pandemia da Covid-19, a captação de imagens por drones e equipamentos fixos – de forma distanciada - e o uso de conteúdos colaborativos e participativos, que já ocorriam, foram potencializados.

No entanto, embora tenham aspectos em comum, esses conteúdos não são homogêneos. Eles têm origem, conteúdo e qualidade diferenciada, conforme será explicitado no tomo seguinte.

## **NOVOS FORMATOS NA COBERTURA DA INVASÃO**

No dia 8 de janeiro de 2023, a Globonews iniciava a cobertura dos atos antidemocráticos às 15h03, com apresentação de Erick Bang. Às 17h16 começa a transmissão conjunta da TV Globo com o canal de assinatura, com o anúncio e participação de Poliana Abbritta, âncora do Fantástico. Antes disso, alguns flashes durante a programação dominical da TV Globo apresentaram relatos da situação que se agravava a cada momento. Na Globonews o conteúdo noticioso já faz parte da sua rotina.

A transmissão conjunta da TV Globo e o canal por assinatura Globonews foi uma novidade, uma surpresa. Não havia ocorrido até então uma transmissão em formato de *pool* da emissora de sinal fechado e da TV aberta no Grupo Globo. Os acontecimentos de Brasília que derrubaram a programação da emissora aberta chegaram ao nível máximo dos atributos de relevância de um fato, lição primeira do jornalismo: fatos com vários atributos de relevância e inesperados derrubam os demais conteúdos produzidos nos noticiários e protagonizam a cobertura.

Profissionais e a sociedade brasileira (e o mundo) foram tomados de assalto, uma semana após o presidente eleito, Luis Inácio Lula da Silva, ter tomado posse em cerimônia que expressava a orientação de seu governo, cuja ausência do seu antecessor na passagem da faixa presidencial foi superada pelo simbolismo da cerimônia em que participaram representantes da sociedade brasileira.

Durante a transmissão, várias estratégias foram utilizadas, mesclando formatos com conteúdos participativos e colaborativos. Um exemplo, no caso de formatos participativos, foram os materiais capturados nas redes sociais e narrados por seus autores. As imagens transmitidas eram registradas em plano sequência, gravadas com celular pelos protagonistas da invasão. A câmera do aparelho manejada pelo amador em movimento fazia tremer as imagens, eventualmente com aspectos de fundo significativos. Os ângulos eram duvidosos e as narrativas em primeira pessoa dominavam os relatos e comentários, com interferências dos sons ambientes, e tendiam a ser imprecisos e alegóricos. Outras vezes, as imagens capturadas pelo invasor ou invasora aparecem sem narração, apenas mostrando flagrantes da destruição e daquilo que os golpistas denominavam de ato patriótico e heroico.

Essas imagens, produzidas por oportunistas que simplesmente registraram os acontecimentos e postaram nas redes sociais, são classificadas como conteúdos participativos, são parte do repertório imagético apresentado durante a cobertura (Fig. 1)

**Figura 1 – Post Invasão antidemocrática**



Fonte: Globoplay

Outros conteúdos participativos foram intercalados na cobertura conjunta. São imagens anônimas e assinadas por agências de notícias internacionais, como a Reuters, também capturadas das redes sociais. Essas imagens foram apresentadas em formato *slide show*, ou carrossel de imagens, típico do webjornalismo, e já praticado nos sites e portais noticiosos. Na transmissão é apresentada uma sequência de 27 fotos com os ambientes do Superior Tribunal Federal, STF, do Poder Executivo e do Legislativo vandalizados.

**Figura 2 – Slides-show da destruição**



Fonte: Globoplay

Podemos refletir que, a rigor, a presença de imagens em vídeo ou em fotos feitas pelos invasores ou observadores fortuitos durante os acontecimentos tensionam o conceito de conteúdos participativos, na medida em que não foram enviadas às emissoras de forma espontânea. No entanto, ao serem postadas espontaneamente pelos seus autores nas redes sociais, tornaram-se imagens disponíveis para serem capturadas para compor conteúdos noticiosos.

Destacamos nessa análise, como a relação com a fonte se altera na medida em que não há mais a mediação de um jornalista na coleta de declarações e comentários de políticos, como os exemplificados nessa cobertura. No caso das imagens reproduzidas das redes sociais, os ângulos, a linguagem do telejornalismo priorizam uma narrativa centrada no próprio produtor da imagem e no ineditismo do conteúdo, em detrimento da mediação do cinegrafista, do fotojornalista e do jornalista na captura dessas informações

Quanto aos conteúdos colaborativos, cuja participação de entrevistados é espontânea, por exemplo, observamos menor impacto na cobertura. Certamente, a surpresa dos acontecimentos fez com que as autoridades se reunissem para a tomada de providências (se afastando de declarações à imprensa) o que por sua vez fez com que os jornalistas recorressem mais aos conteúdos participativos. Nesse caso, o que podemos descrever é a presença de ministro das Relações Internacionais, Alexandre Padilha, em entrevista à Globonews, diretamente de um dos gabinetes do local invadido (Figura 4).

**Figura 3 – Alexandre Padilha em entrevista**



Fonte: Globoplay

Sobre esse formato, o diferencial é que entrevistador e entrevistado estão distantes do estúdio, formando uma dupla janela digital. Essa dupla janela digital se repete em diferentes composições: estúdio e comentarista no espaço doméstico, estudo e repórter externo e repórter e cenas. Trata-se de um formato comum, mas cujo uso foi potencializado nessa cobertura. Destaca-se, no entanto, que ele se aproxima de um modelo utilizado por outra emissora especializada em jornalismo 24 horas, a CNN Brasil, que promove debates utilizando duas janelas digitais com a mediação de um/a jornalista no estúdio, e o da própria Globonews, em programas como Em Pauta.

Outro formato que surge na transmissão é um vídeo, apresentado por Paulo Pimenta, ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (SECOM/PR), em que ele relata a destruição nos prédios e mostra, com ajuda de um terceiro, os gabinetes devassados do Palácio do Planalto. A gravação é realizada com um celular. Esse material parece ter sido capturado do ambiente digital, como mostram as duas figuras abaixo, mas aparentemente sem a atuação formal de jornalistas, uma vez que as equipes de TV ainda não estavam autorizadas a entrar no local.

**Figura 4 – Vídeo de ministro-chefe**



Fonte: Globoplay

Outro exemplo que pudemos observar durante a cobertura, no que se refere a conteúdo colaborativo, é o vídeo do governador do Distrito Federal, Ibanez Rocha, duramente criticado pelo Governo Federal e a imprensa, sendo acusado de negligenciar os fatos que se anunciavam naquela semana e, especialmente, na véspera dos atos violentos contra o patrimônio brasileiro. O político gravou o vídeo se posicionando e seguindo um modelo tradicional de declaração formal, que postou em sua rede social, justificando suas ações (ou inações?) pelos acontecimentos. A formalidade do enquadramento, e a própria dinâmica da declaração, mostra uma introjeção do modelo adotado pelas assessorias de comunicação/imprensa em contatos previamente agendados.

No entanto, a ausência de mediação de profissionais de imprensa/relações públicas transparece na falta de habilidade do governador ao tratar de questões como o alto número de ônibus que chegava à Brasília, a efervescência nas redes sociais, que foram sinais ignorados pelo político e seu secretário de segurança, que àquela altura estava nos Estados Unidos em viagem de férias.

**Figura 5 – Governador de Brasília**



Fonte: Globoplay

Outro recurso/formato comum foi o recorte dos textos das manifestações de autoridades nas redes sociais, como por exemplo, a de Claudio Castro (Figura 7), governador do Rio de Janeiro, que também critica o vandalismo praticado pelos invasores das instalações dos três poderes, são monitoradas e captadas pelo jornalismo da Globo. Trata-se de um recurso já usado para ilustrar reportagens, em geral com recortes de documentos físicos ou digitais, mas que ganha destaque nesta cobertura ao ser exposto de forma independente, atuando como uma nota coberta na qual o texto é igual ao que consta no documento.

**Figura 6 – Comentários nas redes**



Fonte: Globoplay

O jornalista e correspondente em Brasília, Marcos Losekann, com câmera manejada por ele, que aparentemente se encaixa no modelo kit mojo<sup>5</sup>, mostra os ambientes vandalizados, em imagens exclusivas ainda durante o dia, com as fachadas dos prédios com vidros estilhaçados. Neste caso, merece destaque a presença imagética do próprio repórter narrando/destacando aspectos importante do acontecimento.

**Figura 7 – Marcos Losekann**



Fonte: Globoplay

Os conteúdos colaborativos e participativos se alternam em meio a imagens dos profissionais capturadas pelo Globocop, e de câmeras que parecem ser fixadas em alguns locais estratégicos na Praça dos Três Poderes, para coletar cenas *in loco*. Durante a cobertura conjunta, as imagens aéreas são as que mais aparecem, apresentando de cima com ângulos abertos e fechados a movimentação dos vândalos e da polícia.

**Figura 8 - Globocop**



Fonte: Globoplay

<sup>5</sup> Trata-se de equipamento móvel, de baixo custo para transmissões ao vivo e de fácil manejo pelo repórter.

No que se refere aos outros formatos tradicionais do jornalismo, a cobertura é realizada com a presença dos principais jornalistas e comentaristas da Globonews, presentes no estúdio e remotamente pela tela (de suas casas e do estúdio em Brasília). No total chegam a ser 13 jornalistas ao mesmo tempo, que se revezam nos relatos e comentários, nas informações exclusivas em constante evolução, apuradas simultaneamente aos acontecimentos. Os âncoras são Erick Bang, Leila Sterenberg, ambos da Globonews, e Poliana Abritta, da TV Globo, do Fantástico. Porém, formato e transmissão são produzidos pela emissora por assinatura.

**Figura 9 – Âncoras e comentaristas**



Fonte: Globoplay

Para os estudiosos do jornalismo o impacto do acontecimento se revela pelo uso ampliado de formatos que *aparentemente* prescindem da mediação dos profissionais de imprensa *in loco*, em uma cobertura que reage aos fatos, demonstrando uma fragilidade no planejamento da cobertura – ou pelo menos um planejamento que antecipasse a possibilidade de atos de vandalismo.

A cobertura aos poucos vai se organizando com as entradas de repórteres que relatam a visita do Presidente Lula a Araraquara, no interior em São Paulo, por causa das chuvas na cidade que causaram muitos estragos na região. Durante a cobertura, é transmitido um pronunciamento oficial, anunciado pelo repórter Ricardo Abreu, falando ao vivo de Brasília, com comentários de jornalistas no estúdio e fora dele.

Por fim, no conjunto, podemos listar, inclusive com o objetivo de diagnosticar e delimitar com mais precisão em coberturas futuras, os seguintes formatos:

- 1) Conteúdos participativos: Câmeras de Segurança; Material capturado na rede e narrado em primeira Pessoa; Material capturado na Rede sem narração pessoal; Material oportunista produzido por terceiros; Apropriações de cenas em terceiro plano; Cenas capturadas com teleobjetiva ou com câmeras fixas (sem operador

---

presencial) à distância; Ilustrações destacando trechos capturados em redes sociais; Reformatação de documentos (trechos iluminados ou recortados).

- 2) Conteúdos colaborativos: Entrevistas *in door* (ambiente doméstico); Entrevistas em espaços profissionais; Entrevistas com telas divididas; Trechos capturados em declarações públicas; Trechos/Recortes de entrevistas individuais capturadas ou produzidas por terceiros.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A análise dos formatos, novos e clássicos, utilizados na cobertura da TV Globo e Globo News na cobertura dos ataques golpistas/atos de vandalismo no dia 8 de janeiro de 2023 evidencia uma característica básica do jornalismo, e em particular das relações do jornalismo contemporâneo com as tecnologias digitais: a capacidade de se adaptar e utilizar de forma criativa e multifacetada os recursos que estão disponíveis.

No entanto, ao fazer isso, o jornalismo aponta que a mediação presencial dos jornalistas no local do fato/acontecimento, ainda que não necessariamente desejável, pode ser substituída por outros tipos de mediação, em particular por comentários e conteúdos opinativos produzidos no estúdio e outros ambientes não presenciais.

Evidentemente isso implica em mudanças nas rotinas produtivas, e mesmo na formação dos futuros profissionais de imprensa. Em termos amplos, o jornalista é um selecionador de conteúdos, mas as possibilidades trazidas pelas capturas de imagens por amadores munidos com telefones celulares (*smartphones*), amplamente exploradas na cobertura analisada, aponta uma possível especialização na seleção desse material.

Cresce também a pressão sobre os gêneros opinativos e, portanto, uma mudança no perfil do profissional de imprensa. O relato dos fatos baseado no ideal de objetividade – mais desejável do que real – está sendo substituído por coberturas mais analíticas e até mesmo mais opinativas, com eventuais comentários satíricos ou expressões irônicas. Essa pressão, que se inicia nas emissoras de televisão de acesso restrito especializadas em telejornalismo, vem crescendo em emissoras de sinal aberto. Isso indica uma mudança importante, em uma busca de maior versatilidade e múltiplas possibilidades de atuação como narrador/intérprete de conteúdos participativos nos jornalistas, que passa a atuar como analista e comentarista em coberturas em tempo real.

Em termos técnicos, as mudanças afetam a captura das imagens, ou mesmo a qualidade desse material. As equipes tradicionais de jornalista e repórter

cinematográfico/as tendem a ser substituídas por jornalistas que trabalham sozinhos, capturando imagetivamente suas inserções, enquanto repórteres cinematográficos operam drones ou buscam posicionar equipamentos para captura de imagens estratégicas.

Sobrepostos, esses elementos impactam na quantidade de profissionais envolvidos em uma cobertura. Embora novas frentes de trabalho estejam sendo abertas nas redações jornalísticas – uma vez que a busca por conteúdos participativos, a elaboração e controle de conteúdos colaborativos e mesmo a edição e ilustração dos conteúdos esteja mais complexa – no telejornalismo o espaço do repórter está, aparentemente, se tornando menor. Um novo desafio para o jornalismo, uma atividade cuja marca é a permanente capacidade de se adaptar as mudanças.

## REFERÊNCIAS

- BECKER, B.. Mídia e Jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais. **Matrizes**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 231-250, 2012.
- BRANDINO, Gécica. **Liberdade de expressão e imprensa enfrentam cenário de violações sistemáticas, dizem especialistas**. Folha Uol. 28 mai 2021. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/05/liberdade-de-expressao-e-imprensa-enfrentam-cenario-de-violacoes-sistematicas-dizem-especialistas.shtml>. Acesso em 23 fev, 2023.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- MAGALHÃES, Izabel. **A análise de discurso crítica**. DELTA, São Paulo 21: Especial. p. 1-9, 2005
- MALHOTRA, N. K. (2006). **Pesquisa de Marketing**: uma orientação aplicada. Porto Alegre: Bookman.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- TEMER, A. C. R. P. As imagens das câmeras de vigilância e suas consequências na narrativa telejornalística. In: Maia, Juarez F. de; Pavan, Ricardo; & Farias, Salvio J. (Org.). **Estudos contemporâneos do jornalismo 3**, Goiânia: Gráfica UFG, p. 215-230, 2015.
- TEMER, A. C. R. P. & SANTOS, M.. Conteúdos colaborativos e novas possibilidades do telejornalismo. **Interin** (UTP), v. 26, p. 8-25, 2021.
- TEMER, A. C. R. P; TUZZO, S. A; As jornalistas sob ataque: um estudo sobre as agressões às profissionais de imprensa em uma sociedade polarizada. **Lumina**, [S.l.], v. 15, n.3, p. 58-74 <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2021.v15.35226> , 2021.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo V. 1** - Porque As Notícias São Como São. Editora Insular. Florianópolis-SC, 2005.